

Aparição do clown

2.ª edição



L. Ruas

COLEÇÃO RESGATE

*Coordenação
Tenório Telles*



L. RUAS

APARIÇÃO DO CLOWN

Organização e estudo crítico

Tenório Telles

2.^a edição revista e ampliada



SUMÁRIO

Apresentação	07
A Poesia como metáfora do sagrado – Tenório Telles	11
Aparição do Clown	19
Descoberta.....	23
Discurso	27
Resposta.....	35
Aviso	39
Romance	43
Martírio	47
Canção	51
Viagem	57
Apóstrofe	61
O dragão e a flor	65
Prelúdio	71
Coral.....	75
Nênia	79
Ressurreição do baile	83
Retorno	87
Legado	95
Doutrina.....	99
Despedida	103

APRESENTAÇÃO

Carlos Eduardo Gonçalves*

“As noites dos assombros se gravaram nos olhos do menino” Luiz Augusto, que nasceu em Manaus (1931) e aqui viveu, com raras e fugazes ausências, toda a sua vida. Horizontino Ruas e Emília, seus pais. Primeiras letras obteve-as com sua tia e o primário fez no Farias Brito. A vida, com suas alternâncias de momentos tristes e momentos felizes, temperou o caráter do menino que, mais tarde, se tornou um arguto observador da alma humana e, ainda cedo, fez escolhas pouco comuns em uma criança. Com 11 anos, escolheu o sacerdócio e ingressou no Seminário São José (1943), onde trilhou os seis anos de curso do Seminário Menor.

1949. Seminário Metropolitano de Fortaleza. Curso completo de Filosofia e início do de Teologia. Contato com tendências progressistas da Igreja Católica. Começa a ganhar forma o espírito do sacerdote que estará sempre engajado nos movimentos de vanguarda. Vanguardista firmado em sólida formação filosófica, mas, sobretudo, apoiado em forte personalidade, dotada de rara lucidez.

Teologia, no Seminário do Rio Comprido, Rio de Janeiro. Sua excelente atividade cultural impressionou a comunidade do Seminário que o elegeu presidente do Centro Acadêmico São Tomás de Aquino. O caboclo do extremo norte deslumbrava na capital da cultura brasileira da década de 50.

Enfim, em 31 de outubro de 1954, o sacerdócio. Começa, a partir desse momento, uma militância bastante ampla que vai desde as lides catequéticas até a participação em movimentos políticos. Docência no Seminário Arquidiocesano São José, no Instituto de Educação, Colégio Estadual (Pedro II), Instituto Christus e Faculdade de Filosofia, da qual foi diretor. Ministério Sacerdotal em São Jorge, Educandos, Colônia Oliveira Machado, Remédios, Redenção e Sagrado Coração de Jesus. Cronista na Rádio Rio Mar e em A Crítica e, eventualmente, em outros jornais. Participação política através da militância na AP (Ação Popular). Literatura no Clube da Madrugada (foi membro fundador) e na produção poética e ensaística. Sua cultura leva-o aos Conselhos de Cultura e ao Universitário, onde teve participação efetiva.

O intelectual sobressaiu-se em tudo o que fez e a ânsia do poeta contido, mais aprimorado, aflorava aqui e ali:

*Dos momentos fugazes que me comem
Nasce, agora, meu canto manso e triste.*

O "manso e triste" muitas vezes se confunde com a dor e a revolta, presentes em muitas de suas crônicas e latentes no jornalista que combateu a politicalha e a injustiça social, mas que era capaz de captar, mesmo na imundície, momentos de beleza sutil:

*A égua cbega sempre. Chora, às vezes
Às vezes, come fezes. Eu a vi
Comendo, em céu de estrelas, uma rosa.*

L. Ruas tem personalidade forte, inteira. Sua retidão interior sempre se refletiu, desde o início de sua juventude, na limpidez das decisões que tomou.

Pároco, professor, jornalista, crítico de cinema e literário e poeta, pressupõem um homem maduro e sério, para quem a infância ficou no passado. Uma inquestionável maturidade. Contudo, o menino *assombrado* nunca deixou de existir:

*Os Pássaros de assombro! Muito embora
Eu lute, cante, chore, não consigo
Tanger-vos dos meus olhos de menino.*

*Carlos Eduardo Gonçalves é professor aposentado da Universidade do Amazonas.

A POESIA COMO METÁFORA DO SAGRADO

Tenório Telles*

I O modernismo brasileiro é um espelho multifacetado em que se refletem muitas nuances e tons. Entre os seus vários matizes, ou tendências, destaca-se a que tenta resgatar o sentimento do sagrado, denominada por alguns de mística e por outros de religiosa. Os poetas Jorge de Lima, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes e, em certo sentido, Cecília Meireles são os principais nomes desse grupo de autores que tentaram, a partir da poesia, estabelecer, pela linguagem, uma conexão do homem com a totalidade, com a esfera transcendental.

É a partir dos anos 30 que essa nova vertente do modernismo começa a tomar corpo, através de um discurso poético com forte conotação cristã. Essa opção pelo místico faz parte de um esforço de articulação do discurso poético com o divino, numa tentativa de recuperação da dimensão espiritual do ser, embrutecido pelo sofrimento, por uma sociedade que o violenta e sufoca.

A poesia desses autores representa, na verdade, uma oposição aos valores de uma sociedade que dava os primeiros passos na senda da modernidade; é uma negação do materialismo desse nosso tempo frio, insensível e racional. Dessa constatação, talvez, tenha surgido o projeto, de Jorge de Lima e Murilo Mendes, de restaurar a poesia em Cristo.

II

O movimento Madrugada também viveu seus impasses na busca de um discurso poético moderno que expressasse o existir e o sentir do homem no mundo, sem rodeios e subterfúgios. É em meio a essas hesitações e incertezas que vai surgir o discurso dissonante de L. Ruas. O poeta não elege como tema de seu fazer poético a realidade, compreendida enquanto dimensão exterior da existência, tampouco opta por uma postura crítica face aos conceitos e valores de seu mundo provinciano.

Contrariando todas as expectativas, o poeta volta-se para um esforço de recuperação da subjetividade, da sensibilidade, da dimensão espiritual do ser. Esses traços evidenciam nuances neo-simbolistas na obra do autor, mas como bem percebeu a professora Artemis Veiga, da Universidade do Amazonas, na verdade, esses elementos constituem apenas notas dissonantes da linguagem poética moderna, presentes em sua lírica.

O poeta L. Ruas marca sua estréia literária com a publicação, em 1958, de uma das obras mais importantes da literatura amazonense. Trata-se de *Aparição do Clown*, um inquietante livro de poesia. Sim, de poesia, pois trata-se de um único poema, desdobrado em várias seqüências. Aliás, as várias seqüências do poema são a chave para a sua compreensão.

Ao analisarmos a estrutura, percebemos se tratar de um roteiro de iniciação nos mistérios insondáveis da existência. Expressão de suas preocupações místicas, o livro reproduz simbolicamente o itinerário de Cristo na terra, a promessa de redenção do mundo; a busca do homem, um palhaço no palco da vida, à procura de sua verdadeira face, sua tentativa de reencontro com o divino, o sagrado, o que está evidente na segunda seqüência do texto, "discurso":

*faz mistério palhaço
e ri teu riso esbandalhado.*

*gargalha palhaço e faz sofrer
os que contigo riem e sofrem
e vivem.*

(...)

*ninguém entende tua vida mascarado
que se esconde atrás da cortina
das pinturas e das vestes.
onde está tua face palhaço onde?*

(...)

*a estrela pousou — sombra de sonbo — em seu ombro
— venbo do céu. vi o mundo nascer. sou como tu eterna.
sou a mais antiga estrela de todas as estrelas.
dou-te todo o meu brilho se disseres
porque ris tanto se és tão triste assim.*

O poeta faz a crítica do aparente, do que parecemos, do que deixamos de ser. A verdade é que nos encobrimos, escondemos nossa verdadeira face, o que somos, sob as roupas, a maquiagem, os perfumes, talvez por medo de nos contemplarmos no espelho estilhaçado da existência. Diante da impossibilidade de um diálogo transparente com o mundo, o poeta nos aponta a possibilidade de uma ligação com o transcendente, com o divino, o que está simbolizado na conversa da estrela com o palhaço.

A estrela, vendo-lhe a tristeza escondida sob a máscara, pergunta pelo seu riso, que é aparente (quantas vezes nós não escondemos o que verdadeiramente sentimos), oferecendo-lhe o seu brilho. Do diálogo, da confissão sincera de suas dores, resulta a recompensa, o brilho, que não é outra coisa senão uma expressão do divino, do espírito. Apenas a estrela viu a dor interior, a tristeza que consumia o palhaço. A maquiagem, a máscara apenas encobriam a sua infelicidade, a angústia que lhe açoitava a alma. Indiferentes, acreditavam todos na alegria do palhaço, suas cambalhotas, seu riso. Insensíveis e cegos para ver e sentir a dor que lhe dilacerava o ser:

*todos riem somente da face mentirosa
da escandalosa face que nos ofereces.*

Do encontro entre o palhaço e a estrela surge um diálogo, silencioso, revelador da dor não gargalhada do palhaço, solitário em seu infortúnio, tendo que sofrer e ri ao mesmo tempo, pois

*O destino dos palhaços é fundir
à luz da lua o alegre riso e o triste pranto.
O palhaço mira o mundo.*

III

Aparição do clown é um texto repleto de nuances, interrogações, um amplo painel sobre o sentido da vida, uma alegoria sobre a busca de um significado para a existência, alguém a procura de si mesmo. Quem, leitor? O poeta, eu, você, ou o palhaço?

É exatamente o palhaço, essa figura disfarçada, misto de inocência e maldade, que consegue experimentar a mais sublime e dolorosa das experiências, desvelar a existência de seus muitos mistérios. O palhaço projeta-se nos olhos do tempo, refletindo-se no espelho partido da existência e vê-se que

*bavia inocência e terror pureza e crime
em teus olhos abertos para o mundo.*

O palhaço mira-se no espetáculo do mundo, contempla nossa dor e infortúnio, nossa pequenez e covardia diante da indiferença que nos sufoca e mata, pois como diz o poeta:

*tu gargalhas no palco o que choramos na vida.
embora te odiamos te amamos
pois te pareces com o menino que somos*

*e com o inferno que não deixamos de ser.
somos crianças palhaço diante de ti*

É confidencia sua fraqueza, sua pequenez diante da vida:

*sou criança que não aprendi ainda
o que é o belo e o feio
o pranto e a galhofa.
o que é ser e o que é não ser.
pois tu és homem palhaço tu és homem.
tu és verdadeiramente homem
pois tu somente revelas o segredo
bonra e vergonha
que todos ocultamos.*

É preciso deixar de ser máscara para que se comece a ser. Ser homem. Tão somente ser. *Aparição do clown* é a denúncia de nossa apatia, de nossos sentidos obliterados, da superficialidade de nossa percepção, ao que o poeta nos chama a atenção:

*apenas vemos sombras
sem conhecermos a luz.
percebemos a chaga
não tocamos a alma.*

IV

Ruas realizou o projeto de Murilo Mendes e Jorge de Lima ao estabelecer o encontro da poesia com o divino. O transcendente, o sagrado são signos de seu discurso poético. *Aparição do clown* é a alegoria da escatologia cristã, a promessa de redenção do homem, o que está evidente numa das seqüências do poema, "Coral":

*vigiai vigiai.
preparai a veste
acendei o círio
acendei a ribalta
ressuscitai as rosas
e aguardai no amor
que o pássaro virá.*

O pássaro ferido (quem é, leitor, o pássaro ferido?) virá, surgirá do azul do firmamento, o rosto reluzente de luz, os olhos cheios de nuvens, a mão estendida sob o vazio, o etéreo. Virá para redimir o homem, curar suas dores, regenerar as feridas ulceradas da alma. Poucos o virão, cegos que estão para o mistério do mundo, da vida. Suas consciências lógicas, os sentimentos racionais, mecânicos. Mas os que esperam o reconhecerão, já pressentem sua chegada:

*o pássaro ferido tem sete bicos
sete línguas de fogo sete olhos sete chagas
tem olhos e não vê. ouvidos e não ouve. está ferido.
suas asas sangrando sempre banham o mundo inteiro.*

O ser do poeta vive a ansiedade, as hesitações da esperança, o temor, pois se o pássaro não vier / será a noite sem estrelas. O poeta inquieta-se, interroga-se, vislumbra, imagina o mundo, o tempo, caso o pássaro não venha:

*mas se o pássaro não vier como será?
os trigais deixarão cair – inútil esmola –
os grãos de ouro no chão incandescido.
as flores murcharão – flores de pedra –
ponteagudas como espinhos secos –
as fontes coalbarão suas águas
e teu sorriso morrerá qual fruto podre.*

Súbito, ecoa através do vazio do tempo uma música, corrente de vozes cortando a pele silenciosa, azul do firmamento. Poucos ouvirão o ribombar dos raios, as vozes dos anjos preludiando o voo do pássaro ferido sobre a face do mundo. Desce das nuvens. Ouve-se a sua voz suave e generosa, a luz que emana dos seus olhos vívidos, cheios de promessa e felicidade. Não será, talvez, o pássaro azul? O poeta o pressente:

*mas
escuta
que vozes serão essas?*

de onde vêm? para onde vão?

olha.

as flores ressuscitam.

olha.

as estrelas se acendem.

olha o mar. olha a estrela de basalto e ouro

olha.

não és ó triste cego o deserto re florido

e as amendoeiras do japon e as borboletas?

V Aparição do clown é uma transfiguração do martírio de Cristo, também dos homens. A existência humana não deixa de ser um campo de provações para aqueles que tentam um diálogo com o infundável, com o ser do mundo, com a totalidade. L. Ruas, em *Aparição do clown*, fez a confissão da dor, da ânsia que esmaga o ser, evidência da sua procura de um sentido para a vida. O poeta se realiza no divino, no sagrado:

*sou cativo do pássaro ferido
pois ouvindo sua lenda e seu martírio
por legado recebi este desejo*

*e da estrela tornei-me companheiro.
ó poeta não queiras pois é morte
e cativoiro conhecer a face do palhaço.*

O livro é a descrição transfigurada, o itinerário de sua busca, de sua iniciação nos mistérios do pássaro ferido. A afirmação de sua fé no milagre da redenção do homem. Sua reconciliação com o inefável, com Deus, com o pássaro ferido. Então, depois de tudo consumado, o velho clown, palhaço do mundo, partiu

*... beijando ainda
o brinquedo que a criança abandonara
no velbo palco parque ou tempo sem memória.*

Fica para você, leitor, o desafio de responder as duas perguntas lançadas pelo poeta:

*apagaram-se as luzes?
ou as rosas morreram?*

*Tenório Telles é professor de Literatura Brasileira, ensaísta, autor do CD-ROM *O Amazonas em sua Literatura* (1996) e da peça *A Derrota do Mito* (1997).

APARIÇÃO DO CLOWN

desejo que este poema seja

um ato de adoração ao Cristo quando Herodes o
chamar de louco

um gesto de amor à minha mãe, meu pai e às
mães de todos os poetas

um laço de amizade mais forte entre mim, o
Pedro, o Orígenes e a Luiza

um agradecimento sincero e fraterno ao Oscar e
ao Clube da Madrugada.

L. Ruas

descoberta

que é preciso o ser humano
queira ver, não face e não face
e assim se logo azul perdido
e assim se repete, dia

o azul do céu, o azul da água, o azul
do mar, o azul do céu, o azul do mar,
o azul do céu, o azul do mar,
o azul do céu, o azul do mar,
o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

o azul do céu, o azul do mar,

descoberta

foi no tempo do luar pois não existe sol
no velho parque – tempo não maduro –
que encontrei o sempiterno clown.
queria ver-lhe a face. e sua face
era imenso lago azul parado
onde a lua se repetia. lua.
queria ver seu corpo – um chafariz
era seu corpo de barro modelado
aljofrando de estrelas e de pérolas
o céu e o chão banhados em azul.
apenas vi o velho clown beijando
uma boneca. e beijando-a chorava.
e ria ao mesmo tempo que
o destino dos palhaços é fundir
à luz da lua o alegre riso e o triste pranto.

e vendo ser inútil o meu esforço
de descobrir integralmente o clown
eu suplicante lhe falei assim

discurso

faz mistério palhaço
e ri teu riso esbandalhado.
gargalha palhaço e faz sofrer
os que contigo riem e sofrem
e vivem.

canta a tua ideologia tirânica
ó clown sentenciado
para fazer chorar os que riem.
ninguém entende tua vida mascarado
que se esconde atrás da cortina
das pinturas e das vestes.

onde está tua face palhaço onde?
além do além do horizonte
nas nuvens ou atrás da máscara?
onde está teu riso palhaço onde?
no pranto que improvisas
ou na dor que não gargalhas?
palhaço.

interrogação verde no cenário de carmim.

palhaço. olha o palhaço.

havia inocência e terror pureza e crime
em teus olhos abertos para o mundo.
luzes.

as luzes da ribalta não revelam
o que não dizem também

nem as cores nem os saltos nem as cambalhotas
que fazes no trapézio longínquo.
palhaço. quem já viu tua face
tua única face?
aquela que não é partida
aquela que não é pintada?
quem já beijou tua boca verdadeira?
as bailarinas beijam a boca mentirosa
a que canta a que ri a que chora
mas ninguém beijará o teu silêncio.
e tuas mãos palhaço tuas mãos rosas
tuas mãos disfarces que nos enganam e alegram.
a bailarina lhe disse chorando – eu te amo.
ele riu. palmas. a cortina cerrou-se.
e se vestiu de nobre e deu esmola
para encobrir de seda e ouro o adultério.
palhaço. ri teu riso e oferece-nos teu almoço.
dá-nos o ridículo banquete onde comemos
rosas e suspiros e sorrisos.
e deixa-nos sonhar depois e depois chorar
tudo aquilo que não nos revelaste
a flor ainda em botão
não desabrochada não vituperada.
ninguém te vaia palhaço
todos riem somente da face mentirosa

da escandalosa face que nos ofereces
dizendo que é vinho.
todos beberiam porém teu sangue
seiva das árvores água dos rios lama das sarjetas
e comeriam tua carne que não ofereces.
carne de elefante néctar de bonina alma de passarinho.

a estrela pousou – sombra de sonho – em seu ombro
– venho do céu. vi o mundo nascer. sou como tu
eterna.

sou a mais antiga estrela de todas as estrelas.
dôu-te todo o meu brilho se disseres
porque ris tanto se és tão triste assim.

– ora. vamos dançar.

e saiu para o palco dançando e cantando.
ninguém viu a lágrima que lhe molhou os olhos
ocultos.

palhaço.
flor-de-lis onde bimbam chocalhos.
inocência e maldade água e sangue
azul e preto
lama e sapo.
ri palhaço que ansiamos por te ver no picadeiro
árvore estranha esquisita flor
não sabemos de que país ou de que planeta.
de onde vens palhaço? quê nos queres dizer?
fala que te espiamos cientista da vida.
tu gargalhas no palco o que choramos na vida.
embora te odiemos te amamos
pois te pareces com o menino que somos
e com o inferno que não deixamos de ser.
poeta de risos e de cabriolas
diametralmente opostas
teus trejeitos são a mais perfeita rima
que já encontrei para os poemas
que não escreverei.
somos crianças palhaço diante de ti
sou criança que não aprendi ainda
o que é o belo e o feio
o pranto e a galhofa.
o que é ser e o que é não ser.
pois tu és homem palhaço tu és homem.
clown desengraçado

bicho fantasiado de deus
em quem não assentam
nem
rabo de macaco
nem
auréola de arcanjo.
tu és verdadeiramente homem
pois tu somente revelas o segredo
honra e vergonha
que todos ocultamos.
palhaço dos anjos e dos homens
mito de farsa e de verdade
palco e vida
gargalhada e pranto
seres partidos
dois olhos
duas pernas
duas mãos
paralíticos
cegos e loucos.
apagaram-se as luzes?
ou as rosas morreram?

alguma coisa...
seu...
com...
nao...
bravo...
vem...
nig...
se...
p...
-...
que...
a...
um...
e...
e...
que...
por...
tu...
E...
a...
que...
de...
de...
se...

resposta

apenas vemos sombras
sem conhecermos a luz.
percebemos a chaga
não tocamos a alma.
brasa em negro fogo consumida
semente bipartida.
julgas possuir toda ciência
se sabes rir apenas
quando é preciso rir
é mister no entanto descobrir
que também no muito riso há pranto.
a máscara sustém dois olhos
um é cego porém. de fato
só um olho vê. por isso
conheces silhuetas
e não a dimensão total
aquela dimensão que
por ser transdimensional
entre todas
é mais constante e mais real.
a caverna de platão.
que sabes das rosas renascidas?
das estrelas em luz desfalecidas?
da liberdade e do amor?
ser livre em essência é ser cativo.

quando vier o país ou ferra
você não sabe que sou a sua mulher
mas o amor não é crime
deixe-me, não me julgue
deixe-me passar o tempo
de quem a escola
e um dia me encontrando seu dia
a distância não muda
do mundo das pessoas, pessoas para sempre
não chaves, o que não muda
não se muda, para sempre, o mundo mudou
e ninguém sabe o que vai ser
que não se muda
de onde vierem os outros
para sempre, não muda
suas palavras e suas
uma coisa de fogo e de amor
de quem não muda
e o mundo não muda
do que não muda
sempre muda
deixe-me, não me julgue
deixe-me, não me julgue
deixe-me, não me julgue
deixe-me, não me julgue

aviso

quando vires o pássaro ferido
vagando antes que surja a madrugada
não o tanjas nem o chames
deixa-o voar. não te apiades
deixa o pássaro voar.
ele comeu a estrela
e conserva no desenho do seu vôo
as dimensões incontidas
dos humildes gestos perdidos para sempre.
não chames o pássaro ferido.
não te ouvirá pois não sabes os seus nomes.
e ninguém há de estancar o vôo
que jorra eternamente
de suas vísceras fecundadas
pela essência intocada da estrela
sua prisioneira e amor.
uma estrela de fogo e de basalto.
de basalto e fogo, não esqueças.
e o pássaro mais ferido pela luz
do que pelas cinco pontas da estrela
sempre voará.
deixa o pássaro voar. quando ouvires
o tatarar – apenas ritmo – cansado
mas não vencido
de suas penas molhadas de arrebol

a estrela de fogo e de basalto tem cinco
chifres e se parece com a rosa.
de sangue.
aberta ferida gotejante
no peito espalmado e branco deste pássaro em vôo.
de ouro e de basalto.
de basalto da etiópia e de neve da antártida.
quando o pássaro raptou a estrela
ela estava sendo devorada por um peixe.
que adianta mais? ser comida por um peixe
ou amada por um pássaro. ser ou não ser comido.
esta é a questão. hamlet tinha razão.
para além para muito além de todo sonho
o pássaro levou a estrela devorada
e mais alto do que as águias o pássaro voou.
mas quando o pássaro quis partir
para a aventura sem rota
por mares nunca antes navegados
por espaços nunca antes habitados
para plantar no barro e na luz
um reino instável e efêmero
onde imperaram
o gênio, a arte, a poesia e a flor
foi então que nasceu o mais profundo humor –
– o pássaro devorou a estrela
e a estrela o pássaro gerou. o palhaço dos homens.

a serpente a maçã a figueira e o lírio
todos cantaram pela voz do pássaro
nascido prometeu.
não prometeu acorrentado um dia
no deserto e na montanha.
prometeu não morre é apenas devorado.
continuamente devorado prometeu continuamente vivo.
comem-lhe o sexo e a alma
a carne e o sangue e prometeu não morre
prometeu acorrentado um dia
do amor na eterna penedia.
o amor nos prende e nos tortura. mas não mata.
o pássaro ferido tem sete bicos
sete línguas de fogo sete olhos sete chagas.
tem olhos e não vê. ouvidos e não ouve. está ferido.
suas asas sangrando sempre banham o mundo inteiro.
às vezes é de mansinho que eles chegam
os sete amores filhos do amor.
agapé feriu eros letalmente. terminou a comédia.
júpiter destronado. mas beethoven está cantando.
ou é o pássaro ferido?
os trigais estão maduros para a ceifa.
que importa a primavera?
mefistófeles zombou do doutor fausto
e o venceu. mistério e luz.
ouve o pranto da estrela solitária
que se desfaz em canto.

que se
e se
na

de
as
e

se
ou
e
o

se
o
que
com

e
m
com

na
a

canção

se eu chorasse
estas sombras
e estes símbolos
morreriam

os diamantes quebrariam
as arestas
e os vulcões se extinguiriam

se eu chorasse
dormiria logo
e cedo sonharia
o lago dos cisnes

se eu chorasse
o cavalo branco
que cavalga morto
comeria as rosas

e a rosa de barro
murcharia no jarro
em ângulos obtusos

não digais ao mar
a dor das pedras frias

não digais à mariposa
a tortura da luz

o meu amado é
um pássaro ferido
não choro sua dor
nem curo seu amor

a maçã é muito branca
o peixe é muito branco
o lírio é muito branco
não é branco o amor

eu cantei uma canção
baixinho ao meu amado
– “não chores pequenino
não chores que eu te amo” –

eu andei por longas ruas
e por cidades perdidas
em busca do meu amor
procurava uma rosa
só encontrei dissabor

perguntei aos que passavam
onde andava meu amor

mas todos olhavam atentos
para as mãos de um senhor
que fazia jogos engraçados
e ninguém me respondeu
onde estava meu amor

eu andei por teus caminhos
em busca do meu amor
os palhaços tristemente
despetalavam uma flor.

viagem

foi então que cheguei ao cais
e as barcaças estavam todas
amarradas ancoradas.
caronte me disse amargamente
– “não voltarão mais nem dante nem virgílio.
nem será dado a orfeu
ir salvar eurídice
a passagem está vedada
e as barcaças ancoradas
não mais navegarão por mares ignotos” –
quando olhei para o mar vi na praia
os escombros da batalha.
pontas de lança arcos flechas
corpos destroçados almas insepultas.
uma criança brincava com as conchas
e com a caveira de um herói
– se não me engano era de aquiles –
seus olhos eram de fogo
e suas mãos de lírio.
a criança então me disse – “depois
que a serpente me feriu no calcanhar
nunca mais fui ao deserto nem
ao mar.
as águas não me sustentam mais
e somente caminho na praia
pois temo naufragar.

espero o pássaro ferido
e se quiseres esperar comigo
senta-te na praia e não vás ao mar.
o mar é muito vasto e fera enraivecida.
já engoliu noivos e pescadores
e seduziu o pássaro ferido.
não te lembras do mar de suas pompas
e de seus sedutores artificios?
de seus cantos falazes e dos apelos sedutores
com os quais arrasta para o abismo
do seu próprio nada os navegantes
inexperientes e desprevenidos?
não procures no mar no buliço das vagas
a sombra do teu amor.
eu mandei prender as barcas
e aguardo o pássaro ferido.
canta uma canção ao teu amor."
como cantarei cantos de amor
nesta solidão?
os cantos nascem apenas da união
do brilho da estrela com o ritmo do vôo.
como hei de cantar canções de amor
se ainda estou peregrinando
por essas praias de vidro?
a criança então cantou assim —

em vão nós de vós pássaro ferido
buscando o teu amor não sei onde
nas praias de vidro e nos cantos
de apelo sedutor e de apelo
de vós pássaro ferido
o mar é muito vasto e fera enraivecida
já engoliu noivos e pescadores
e seduziu o pássaro ferido.
não te lembras do mar de suas pompas
e de seus sedutores artificios?
de seus cantos falazes e dos apelos sedutores
com os quais arrasta para o abismo
do seu próprio nada os navegantes
inexperientes e desprevenidos?
não procures no mar no buliço das vagas
a sombra do teu amor.
eu mandei prender as barcas
e aguardo o pássaro ferido.
canta uma canção ao teu amor."
como cantarei cantos de amor
nesta solidão?
os cantos nascem apenas da união
do brilho da estrela com o ritmo do vôo.
como hei de cantar canções de amor
se ainda estou peregrinando
por essas praias de vidro?
a criança então cantou assim —

apóstrofe

em vão hás de voar pássaro triste
buscando o fruto verde não sepulto
nas praias naufragadas onde existe
a concha nacarada – peixe inculto

além de tuas patas espalmadas
o mar é brisa calma e mata bruta
as asas que se abrem limitadas
mergulham sem tocar na doce fruta

em curvas linhas retas canto e arte
te vejo entre o céu e o barro forte
comendo espaço e tempo sul e norte

buscando em vão o fruto que te farte.
quem sabe? pode ser que noutros mares
sacies teu desejo. é bom tentares.

o dragão e a flor

vi que a criança fabricava
uma espada que cortava suas mãos.
perguntei-lhe – porque fazes esta espada?
respondeu-me – é para matar o cordeiro
que será servido no banquete
do encontro da estrela com o pássaro.
o mar tranqüilo e frio como o desamor
a praia de vidro. caronte preso.
cupido sem flechas na aljava
a antiga simetria de vênus lamentava
que a beleza da estrela avantajava.
então compreendi porque a esperar
estava a criança tão sozinha
o regresso do pássaro ferido.
neste momento entre fumo e fogo de inferno
surgiu do mar profundo um dragão.
o mar como gigante enfurecido
uivava em contorções
espadanando seus peixes e todas suas pérolas
que vinham espatifar-se loucamente
na polida face da praia de cristal.
ó desencanto das palavras que não chegam.
uivava o mar qual leão acorrentado
sob o peso imponderável do amor
do dragão que perseguia a flor.
a flor tinha redolências de mulher

e era pura como um anjo.
oh. as flores que aninhei em minhas mãos
trêmulas como úteros maternos.
oh. as flores perdidas para sempre
nos longínquos perfumes ressequidos.

“– não mais verás o encanto fenecido
do dia e da noite
não mais terás ó lírio amortecido
as brisas leves do teu vale.
não mais.
não mais que vênus está extinta
e a estrela rediviva.”

prelúdio

assim cantou o dragão enraivecido
então a criança correu para meus braços
gritando – “não deixes o dragão me seduzir.”
“– que posso fazer criança que não sou
poderei salvar por acaso o eterno jogo
se habitas a praia sem dimensões
sem sol e sem luar?
por que me buscas se possues espada
e mãos de sonho e olhos de rubi?
sou apenas sopro vento vaidade nada
pó perfume cor sonoridade luz.
que mistério é este que sugeres
tentando penetrar nestas entranhas
fecundadas pelo canto do pássaro ferido?
então o mar partiu-se lado a lado
como um véu por invisíveis mãos rasgado
e engoliu o dragão.

prelúdio

quatro cavalos passaram galopando
em asas de águias sustentados
relinchando como se fosse trombetas sua voz
ou ribombar de trovões enlouquecidos.
olhei. estava só na praia. o mar quieto.
uma brisa dançava sobre as ondas
o prelúdio que chopin tocava soluçando.
depois vieram ninfas volitando
ao som de músicas ligeiras.
sumiram-se depois nas gotas do orvalho.
oh. a crosta espessa das palavras
que mal revelam o fulcro luminoso
da consistência do mistério vislumbrado.
quem está cantando perguntei são as rosas?
rosas?
quem está cantando é o coro dos palhaços.

coral

vigiai vigiai
preparai a veste
acendei o círio
acendei a ribalta
ressuscitai as rosas
e aguardai no amor
que o pássaro virá.

nênia

nênia

mas se o pássaro não vier como será?
os trigais deixarão cair – inútil esmola –
os grãos de ouro no chão incandescido.
as flores murcharão – flores de pedra –
ponteagudas como espinhos secos.
as fontes coalharão suas águas
e teu sorriso morrerá qual fruto podre.
se o pássaro não vier
será a noite sem estrelas
e o sol não bordará mais de ouro e púrpura
as régias fimbrias do manto da aurora.
tuas mãos inutilmente chamarão os pirilampos
para os bailes feéricos no seio da floresta
se o pássaro não vier
a música silenciará
na última corda partida
de paganini.
o basilisco e as víboras dominarão os caminhos
e ficará deserto e frio o último dos ninhos.
não mais
não mais terás o meu carinho
pois teu rosto de mármore será
estulto como estátua de museu.
se o pássaro não vier
inutilmente serás.

serás o quê? ser o quê se o pássaro não vem?
ser o quê se não há mais flor?
ser o quê se não há mais ninho?

ressurreição do baile

mas

escuta

que vozes serão essas?

de onde vêm? para onde vão?

olha.

as flores ressuscitam.

olha.

as estrelas se acendem.

olha o mar. olha a estrela de basalto e ouro

olha.

não vês ó triste cego o deserto reflorado

e as amendoeiras do japão e as borboletas?

olha o exército pronto para a guerra.

olha os coros dos serafins e dos arcanjos.

olha os noivos enfeitados para as bodas.

olha a brisa dançando na folhagem.

é na brisa que o pássaro virá.

virá com as línguas de fogo

e os cornos septiformes. olha as luzes.

vê as cores. ouve os sons.

tudo recomeça a vibrar e a dançar.

é o tempo.

olha a estrela de ouro e de basalto.

o pássaro ferido está chegando.

retorno

ele voltou dançando o mesmo ballet antigo.
“– quem és tu esquisito ser luxuriante?
e estes guizos pendentes de teus dedos
e estas chamuscas febris em teu olhar de ave?
quem és tu? perguntei – “e o fantasma
não me olhou sequer. subia e descia
em ritmo veloz e às vezes calmamente.
“– quem és tu? –” perguntei impaciente
que o medo o pavor o riso a loucura
já de mim se apossavam. e o demente
anjo respondeu-me indiferentemente
“– de onde venho não sei nem mesmo sei
se algum dia nasci ou se apenas sempre nasço.
quem sou? rosa anjo fagulha do inferno
semideus apenas gesto luz ou noite?
por que perguntas isso? por que queres saber
quem sou se eu mesmo não sei? repara.
quando aqui chegaste a noite era nova
e já a estrela da manhã desfolha
uma a uma humildemente suas pétalas de luz.
não te direi quem sou. dorme e sonha.
acorda viaja estuda raciocina dorme.
não és homem por acaso não possues
uma centelha divina ardendo viva
dentro do teu mais misterioso mar?

não direi meu nome a homem algum porém
podes muito bem descobri-lo. sabes que a lua
é um satélite da terra. que o sol é uma estrela.
que tudo é relativo e três as dimensões do espaço.
que os corpos se compõem de átomos e moléculas.
conheces a inflexível lei da gravidade
que arrasta para o chão o barro do teu corpo.
descobriste no âmago das coisas íons e elétrons
o positivo e o negativo
forças que se atraem e se repelem.
conheces as rotas dos planetas e o caminho
das marítimas correntes dos ventos e das aves
e não sabes ainda balbuciar meu nome verdadeiro.
e eu não direi. espia bem esta paisagem.
lê de novo o poema. desce. vai ao fundo.
sobe depois. evola-te. transforma-te
depois em fumaça e em luz. não te afadigues.
o ritmo do meu nome é longo. majestoso.
quando souberes quantas rosas floriram
na paisagem perdida e de novo descobrires
o sonho inquieto e a aurora pranteada
alegra-te então. pois caminhas certo
rumo ao mistério inexprimível do meu nome.
agora olha bem para dentro de meus olhos.
que são eles? abismos carícias ou perdição?

fogo água tranqüilidade ou medo?
e meus pés? vês? são pés de fauno grego
ou de arcanjo bizantino? não sabes?
não sabes decifrar o indevassável enigma
dos meus pés sempre velados?
não sabes entender a linguagem dos meus olhos?
sou demente sim. sou ilógico. hiperlógico. paralógico.
sou problema e sombra. queres saber meu nome?
queres me amar talvez ou odiar talvez.
sou vida esperdiçada ou morte indesejável.
e meu corpo se corpo chamar se pode
a esta mistura de feno e melodia
é tão instável como a dança histórica das chamas.
sou ar fogo umidade terra e água.
os quatro elementos? ah. os infinitos elementos.
sou móvel motor força motriz mobilidade extrema
e ao mesmo tempo sou suprema paz e quietude.
olha a lagoa onde revoam pássaros cansados.
olha as canaranas frágeis baloiçando
e os aguapés dormindo brancamente.
olha as águas das lagoas diluídas
os cetáceos as serpes os palmípedes
e as ondas profundas que despertam
e uma a uma vão morrer nas margens.
e perguntas meu nome. sabê-lo não desejes.

à noite venho ver-te e te acalento
no sono solitário e tão estrangulado.
fabrico sonhos e ao meu rude comando
as estrelas despenham-se e os planetas giram
na luminosidade sempre nova das noites consteladas.
não percebes o uivar dos ventos nas mangueiras
e na bonina que se abre como o ventre
da primeira mãe ainda virgem que já foi?
e meu nome não sabes. fui presente
nas metamorfoses de virgílio e na comédia de dante
iluminei camões e lorde byron
shakespeare foi meu fâmulos. joão da cruz meu senhor.
ensinei davi a dedilhar a lira
o outro joão eu visitei em patmos
e o bateau ivre era meu. dei-o a rimbaud.
sou chama e alma rio e danço
no fogo rubro amarelo azul e verde.
quando olhares o fogo observa bem
que lá estou como também estou
na palidez da lua sempre fria
e dentro de ti mesmo a conduzir
tua mão quando escreves os poemas
e sentes a tortura de dizer belezas.
pareço mau às vezes quando prendo a pena
e estrangulo a luz justamente no momento

em que começa a palpitar dentro de ti.
mas se o faço é para despertar em ti
a sede onímoda de conseguir o mais.
agora vê. me vou. deixo-te agora.
vou como vim. apaga a luz
fecha os olhos e me verás no sonho
o mesmo ballet inicial dançando.

foi assim que partiu o tresloucado
pois como os amantes é hostil
à luz do sol. é sombra seu império.
não trevas. mas a luz azul
que não é dia não é noite.
é luar.

legado

legado

asas, somente isso. angústia
de fugir ao destino das raízes.
túrgidas velas singrando aberto espaço.
velas do destino de colombo
partindo em quilhas quase loucas para
o mistério das virgens descobertas.
asas de ícaro vencidas pelo sol
incauto ícaro não sabias que
não é dado a palhaços ver o sol?
ah. o vôo de ícaro presente
na dança de nijinski.
asas, somente isso. desespero
de ser barro e ao mesmo tempo seta.
asas apenas sugeridas
nas curvas nos voojos nas volutas
nos mantos e nas vestes do barroco.
asas de anjos de querubins de touros
assírios. asas custódias da arca da aliança.
asas nos calcanhares de mercúrio.
asas romanas. gregas. bizantinas asas.
asas egípcias. asas de papel crepon
dos anjinhos meninas das procissões.
asas até sim asas de avião.
asas do padre bartolomeu de gusmão.
asas em queda.
pois até para cair é mister possuí-las.
belzebu tem asas. sim. belzebu tem asas.
no céu e no inferno ruído de asas tatalando.

asas nos pés da bailarina tola do café noturno.
antigo sonho. desejo antigo. eterna tentação.
asas. panos soltos ao vento. gazes leves.
e os braços que se erguem as mãos que gesticulam
asas as torres ogivais as fadas e as bruxas.
asas sonoras sibilando esses
verdes azuis amarelas incolores
brilhantes e opacas grandes e pequenas
das borboletas das garças das abelhas
das plumas dos polens do orvalho
asas imponderáveis e asas de granito
dos arcanjos que guardam mausoléus.
asas. geometria rude esboço mal riscado
pelos bandos erradios de pássaros selvagens.
asas no chão. asas no céu.
asas ensaiando vôo. é somente isso
o rebento verdolengo ao romper
a espessa placenta da terra dura e seca.
asas de águia em vôos altaneiros.
asas quietas pousadas em silêncio.

doutrina

sou cativo do pássaro ferido
pois ouvindo sua lenda e seu martírio
por legado recebi este desejo
e da estrela tornei-me companheiro.
ó poeta não queiras pois é morte
e cativo conhecer a face do palhaço.
há milênios caminho sem cessar
sem ver o sol. apenas o luar
e a luz indecisa das estrelas
recriam esta máscara e fonte
do riso e da tristeza que oculta
o meu rosto e corpo verdadeiros.
e assim caminharei eternamente
peregrino sempre sempre marinheiro
carregando meu fado torturante
– semente feto nesse em promessa –
de ser ave sem poder voar
de ser clown isto é ser e não ser.
mas tu poeta enquanto não puderes
te unir totalmente com o mistério
que te foge das mãos feitas de som
une-te intensamente
às formas aos sons e às cores simples.
modela sem cessar
a chama que te queima a alma e as mãos.
não deixes que se perca uma só

destas fagulhas.

pois uma delas pode ser a luz
que salvará tua face passageira
quando raiar o sempiterno dia.

despedida

e o velho clown partiu beijando ainda
o brinquedo que a criança abandonara
no velho palco parque ou tempo sem memória.